

Reportagem Especial

FAMÍLIA

Regras mais duras para criar filhos

Pais estão adotando limites rígidos para manter adolescentes longe das drogas, do fracasso escolar e do sexo precoce

Kelly Kalle

Estabelecer regras e limites mais rígidos para os filhos, impor horários para todas as atividades do dia, levar e buscar nos lugares ao sair. Essas são algumas atitudes mais duras que pais estão adotando com filhos adolescentes, para mantê-los longe do fracasso escolar, das drogas, da violência ou até do sexo precoce.

Um exemplo de pulso firme é a produtora de eventos Josi Rodrigues, 32. Ela é mãe de Gabriel, 14, e conta que, em semana de provas, eles colocam na geladeira a programação da semana.

“Quando ele tira nota baixa, perde benefícios, como sair com os amigos ou jogar no computador. Se tira nota boa, ele usa o computador por uma hora ao dia. Converso muito e ele respeita. E jogos, só aos finais de semana. Às vezes, fica chateado, mas depois entende.”

Outra mãe adepta a regras mais rigorosas é a empresária Diana Pereira Pinto, 37. As filhas Ana Caro-

lina, 11, e Daiane Macarineli, 16, têm obrigações dentro de casa.

“A mais velha arruma a casa e a mais nova enxuga a louça e limpa o banheiro. Às 21 horas, todas têm de estar na cama. Mas, antes disso, precisam cumprir seus afazeres e estudar. Assim, podem usar um pouco a internet e ver televisão.”

Ana Carolina, que é Miss Cariacica Pré-Teen, tem a agenda cheia. “Ela faz desfiles, além de aulas de balé e inglês. Por isso, sou muito rigorosa com os horários. Aqui em casa tem hora até para tomar banho. Minhas filhas falam que sou careta, mas assim consigo manter a ordem e a obediência delas.”

O escritor, professor de Antropologia e especialista em história política Adilson Vilaça explicou que houve uma grande mudança comportamental no que se refere à educação dos filhos na sociedade brasileira, da década de 1950 até hoje.

“Naquele período, o pai dominava a vida dos filhos, era chamado de senhor. Os pais precisam impor autoridade, colocar regras, mas sem o exagero de antigamente.”

A escritora, terapeuta familiar e especialista em autoconhecimento Heloisa Capelas frisou que as mães que foram para o mercado de trabalho tentaram compensar os filhos com dinheiro e tudo o que pediam. “Não deu certo. Eles precisam ter regras e afazeres em casa, para se sentirem úteis.”



LEONE IGLESIAS/AT

Mãe ajuda na organização do tempo

A contadora Eliane Santana, 41, mãe de Raquel, 12, e Matheus, 19, afirmou que tenta dividir e organizar o tempo da filha mais nova.

“Ela tem horário para estudar, tem de separar tempo para tocar

piano – treinando no teclado. Ela sabe que precisa estudar e entende as consequências. Raquel e Matheus são responsáveis, mas sempre os lembro dos seus deveres.”

Ela contou que a filha só sai com a

família ou com alguém íntimo dos pais. “Meu filho também cresceu assim. Não tenho o que reclamar deles. Tento ser rígida, mas também amiga. Levo na base da conversa e eles costumam acatar.”

APOIO DA FAMÍLIA

RODRIGO GAVINI/AT

Amor e diálogo

A telefonista Lilian Arides, 43, e o marido, o comerciante Renato Soneghet, 48, contaram que buscam ser amigos do filho, Marcello, 13. “Mostramos o porquê da nossa decisão. Ele confia e sabe que o ‘não’ é para o bem dele. Se vai ao cinema, diz a hora, a sala e a cadeira. Nós buscamos cuidar de longe, mas tentando não sufocar. Ele tem horário para tudo. Sou mãe rígida, mas amorosa. As regras, quem determina somos nós, mas escutamos o Marcello.”



Tarefas em casa

Os pais de Luís Felipe Santana, 12, Nany Santana, 41, que é diretora de escola, e Francisco Carlos Ferreira, 45, policial militar, combinam os horários de estudos e tarefas de casa com ele.

“Se ele cumpre as tarefas, pode pedalar na casa da avó no final de semana – em Santa Leopoldina – ou jogar futebol. Quanto a sair à noite, só se formos juntos e ficamos de longe, para dar liberdade. Se vai ao cinema com amigos, meu marido leva, depois entra na sala sem eles perceberem e acompanha.”



KADIDJA FERNANDES/AT

O que mudou

Comportamento na sociedade



1950

Família rígida

Nesse período, os pais dominavam a vida dos filhos. Estes chamavam seus pais de senhor e senhora. O controle era absoluto. Bater nos filhos era cultural e isso se dava também dentro das escolas.

Liberalização

A juventude se embala no rock'n'roll. Surge o movimento hippie, com uso de roupas coloridas, homens de cabelos longos e começa a ideia de que os filhos devem ser criados com total liberdade.

1970



1990



Pais fora de casa

Com a massificação das mulheres no mercado de trabalho, as famílias querem compensar a ausência dos pais. Passam a dar tudo o que os filhos pedem, deixando a educação moral com as escolas.

2015



Retorno das regras

Com adolescentes e jovens perdidos, desrespeitando regras sociais, sem diálogo com os pais, as novas famílias passam a impor regras e limites, mas com afeto, para torná-los mais obedientes.

Reportagem Especial

FAMÍLIA

Jovens apoiam o pai linha-dura

De origem oriental, o empresário Edgar Yoiti Arita, 47, cresceu em uma família com regras e organização. Casado com a administradora e empresária Jacqueline Ferraz, 46, eles criam os filhos Amanda, 16, e Daniel, 20, na mesma ordem. Visto como pai “linha-dura”, ele coloca horários para todas as atividades.

Desde crianças, Amanda e Daniel receberam uma educação bem rígida, com relação a obediência e regras.

“Eu cobrava muito a questão de não sujar a parede, ao subir as escadas, não apoiar na parede. Ao ir para casa de outras pessoas, não podiam encostar em nada, deveriam ficar quietos enquanto outros falavam, serem educados. Eles sempre saíam conosco e só de olhar para eles, já sabem se estão fazendo algo certo ou errado”, disse Edgar.

Ele afirmou que a disciplina deu certo, pois os filhos são educados e bons alunos. “Graças a Deus, nunca se envolveram com drogas ou problemas na escola. Considero-me um pai rígido, pois quero tudo sempre muito correto”, contou.

Jacqueline afirmou que os filhos

gostam dessa educação. “Eles nos respeitam, confiam nas opiniões e orientações, nos valores que passamos a eles. No início, achava que Edgar exagerava um pouco. No caso da parede, por exemplo, eu pensava: ‘parede depois pinta’. Mas nunca tirei sua autoridade.”

Ela acredita que o segredo é os pais darem exemplo. “Eles viam que nós fazíamos o que cobrávamos. Outro ponto é o casal ter autoridade sobre os filhos. E o pai nunca pode tirar a autoridade da mãe, e vice-versa, diante dos filhos. É preciso haver acordo entre eles.”

Amanda e Daniel afirmaram que o pai sempre foi muito detalhista. “No caso da parede, por exemplo, ele mandava a gente subir de braços para trás, para não encostar na parede, queria que a gente mantivesse a casa sempre limpa e organizada”, lembrou Amanda.

Ela frisou que Edgar é um pai sempre presente. “Ele quer saber dos horários, com quem saímos. Gosta de cobrar disciplina e educação. Ele não é rígido de bater e sim de colocar ordem, é o nosso líder. Agradecemos muito a eles pela educação que nos deram.”



O EMPRESÁRIO Edgar Yoiti Arita e a mulher, Jacqueline, criam os filhos Daniel, 20, e Amanda, 16, com rigidez

ORIENTAÇÃO

NILO TARDIN



Sexo só depois da maturidade

João Pedro, 13, e Júlio César Fioresi Altoé, 16, aprenderam desde crianças a seguir as regras dos pais, o engenheiro agrônomo Júlio César Altoé, 31, e a design de sobancelhas Sônia Fioresi, 38. Eles têm hora para tudo.

“Nós conversamos muito com

eles. Quanto ao sexo, não sou de dar camisinha e sim de orientar que tudo tem o seu tempo. Não admito namorada dormir junto com eles mesmo que seja dentro de casa. Nosso lema é: ‘não tem de querer, tem de obedecer’, mas tudo é conversado entre nós”, disse a mãe.

Especialistas defendem limite para redes sociais

É consenso entre especialistas comportamentais e na área virtual que é preciso haver regras quanto ao uso da internet e redes sociais.

O especialista em crimes virtuais Eduardo Pinheiro afirmou que o uso da internet é imprescindível, desde que não prejudique a vida do adolescente no aspecto familiar, social, escolar e de saúde.

“Acima de duas horas já pode começar a comprometer outras atividades importantes para a vida de um adolescente. É preciso cui-

dado, pois há pessoas mal-intencionadas ou criminosos que podem prejudicar um adolescente desde a formação da personalidade ou até mesmo colocar em risco a sua integridade física e moral.”

A médica psicossomática e psicóloga Cláudia Calil frisou que as famílias estão deixando de conversar. “Os adultos também estão só no celular e não há mais diálogo. A tecnologia está distanciando as famílias. Por outro lado, a convivência é curativa para a alma.”

Escolas ajudam a formar valores

Criar os filhos com valores, ética, e moral é uma tarefa difícil para muitos pais. Para auxiliar nesse tipo de educação, escolas fazem parceria para ajudá-los a formar cidadãos, com debates de assuntos polêmicos, além de orientar sobre ética e honestidade nas escolas.

A diretora do Centro Educacional Sonho Meu (Cesm), a psicopedagoga Edna Tavares, explicou que a família precisa buscar uma escola com princípios similares aos dos pais, para que a instituição reforce o que é ensinado dentro de casa. “No Cesm usamos palestras, livros, momentos fora de sala de aula, para que o aluno se aproxime e possa falar de seus anseios e opiniões sobre todos os assuntos. Convidamos profissionais de fora para falar sobre temas diversos com os alunos, para ajudar na formação cidadã deles”, disse.

O orientador do ensino médio

do Salesiano de Jardim Camburi, Vitória, Fabiano Theobaldo Rezende, contou que trabalha com o Plano de Formação Integral. “Ele promove encontros, abordando temas como sexualidade, afetividade, relacionamento familiar, drogas, orientação profissional e como prepará-los para a vida adulta.”

O coordenador do ensino médio do Monteiro Lobato, Élio Serano, ressaltou que abre espaço nas aulas de Filosofia, História, Sociologia e Artes para debater ética, valores, moral, costumes e cultura. “Ficamos em contato direto com as famílias para formar esses cidadãos.”

KADIDJA FERNANDES - 18/09/2014



EDNA TAVARES, psicopedagoga, explicou que a família precisa buscar uma escola com princípios similares aos dos pais, para que a instituição reforce o que é ensinado dentro de casa

Juízes apoiam rigidez na educação

Juízes das Varas da Infância e Juventude, acostumados a lidar com infrações de adolescentes, afirmam que a mudança de muitas famílias de tornar as regras mais rígidas dentro de casa é o melhor caminho para reduzir problemas e conflitos.

Para o professor universitário e juiz da Vara da Infância e Juventude, Órfãos e Sucessões de Viana, Augusto Bufulin, afirmou que sua experiência mostra que os pais estão transferindo para o Judiciário e outras instituições públicas res-

ponsabilidades que são prioritariamente deles.

“A ausência de normas de controle dos pais e a não exigência de estudo sério e comprometido na infância atrasam o País em qual ranking educacional e compromete o futuro da sociedade. Os pais perderam a autoridade, o controle e o respeito dos filhos. E se eles não respeitam seus próprios genitores, como respeitarão seus semelhantes?”

A juíza da 1ª Vara da Infância e Juventude da Serra, Gladys Pinheiro, afirmou que a sociedade criou filhos sem limites.

“É preciso achar a medida certa de rigidez. Percebo que há ausência dos pais da vida dos filhos, sem diálogo. É preciso orientar, fiscalizar, para evitar problemas futuros. Há pais que foram criados com muita rigidez e não querem isso para os filhos. Mas as restrições de anos atrás – recebidas naquela educação – tornaram-nos adultos íntegros, sem desvios comportamentais.”



O JUIZ Augusto Bufulin diz que muitos pais transferem a responsabilidade

Reportagem Especial

FAMÍLIA

“Dar limites também é forma de carinho”

Psicóloga afirma que ser rigoroso com os filhos não significa falta de afeto. Especialistas orientam que é preciso ter regras e punição

Dar uma educação com regras e limites mais rigorosos não significa que não há afeto entre pais e filhos adolescentes, segundo especialistas. Estudos afirmam que dar limites também é uma forma de carinho.

A médica psicossomática e psicóloga Cláudia Calil alerta que quem não educa o filho vai chorar por ele mais tarde.

“As regras devem ser claras e explícitas. Os pais precisam ser firmes, mas de maneira generosa. Dar limites também é uma forma de

carinho. O fato de ele não arrumar o quarto e não poder sair com os amigos não impede que ele assista a um filme com os pais em casa.”

Uma dica é da terapeuta familiar, especialista em autoconhecimento e autora do livro “O Mapa da Felicidade”, Heloísa Capelas: a cada regra e “não pode”, o pai tem de dizer três coisas que podem.

“Quem determina as regras são os pais. Se o pai diz que segunda não pode sair, é preciso dizer três coisas que podem, para não virar ‘o chato’”, explicou.

A psicóloga especialista em comportamento humano Gisélia Curry afirmou que há pais que não colocam regras quando os filhos são criança e na adolescência querem apertar demais as rédeas.

“Isso é perigoso. Se for difícil demais, a regra não será cumprida. E, em caso de punir o filho por algo errado, nunca deixe de lado o afe-

to. Cada família tem seus valores, cultura e realidade. Então, cada uma deve fazer suas normas.”

O terapeuta de família e psicopedagogo Cláudio Miranda alertou que um dos grandes males da atualidade é a baixa tolerância à frustração nos adolescentes. “Os filhos que recebem tudo o que pedem terão dificuldades em se adequar à sociedade fora da família.”

A educadora Tais Bento, cofundadora do projeto “Socorro, meu filho não estuda” lembrou que, além das regras, é preciso corrigir o filho com alguma punição.

“Se o filho não estuda, a primeira medida é colocar responsabilidades da casa para ele, como colocar a mesa do café. Assim, ele transfere essa responsabilidade também para os estudos. Se o filho tira nota baixa, a punição deve ser alguma atitude cuja consequência voltará negativa para ele.”



JULIA TERAYAMA - 24/02/2014

A PSICÓLOGA Cláudia Calil diz que pais têm de ser firmes, mas generosos

DIÁLOGO



KADIDJA FERNANDES/AT

Sair de casa, só com os pais

A doceira Mirian Rodrigues, 45, disse que é mãe linha-dura com os filhos José Pedro, 11, e Lucas, 15.

“Mostro o que é certo e errado, nós não escondemos nada deles. Conversamos muito. Ensino com amor. Sou uma mãe rígida, às vezes

chata, mas prefiro assim.”

Ela contou que coloca horário para os filhos estudarem e brincarem. “O mais velho sai sozinho, mas eu ou meu marido levamos e buscamos. Já o mais novo só sai conosco ou com alguém de confiança.”

Especialistas defendem acordo em vez de imposição

Apesar de muitos adeptos de regras e limites mais rígidos, há quem não apoie a proposta e acredite que é preciso haver mais acordos e menos imposições na família.

A psicóloga e consultora em desenvolvimento humano Márcia Dolores concorda que o limite é algo importante.

“Mas rigidez é pouco saudável. Pais equilibrados podem optar por flexibilidade para educar bem. Os pais podem colocar na educação dos filhos limites com muito diálogo, reflexão e espaço aberto para um posicionamento. Pais que sabem respeitar seus filhos serão respeitados também”, defendeu.

A treinadora comportamental (coach) e idealizadora do programa “Mãe do Menino Adolescente”, Mara Pessanha, afirmou que o caminho ideal é a negociação entre pai e não impor regras duras.

“Acordo sem rigidez é o melhor caminho, para o adolescente aprender a fazer escolhas. É válido um sistema de negociação. Assim, ele aprende a estar no controle da própria vida e desenvolve sua autoconfiança”, explicou.

Ao combinar as regras em casa, Mara afirmou que os pais devem dar três opções que são viáveis para a família. “Assim, o adolescente pode escolher dentro do que é certo.”

OPINIÕES



DIVULGAÇÃO

“Se for preciso punir por um erro do filho, nunca se deve esquecer do afeto, do abraço e do carinho”

Gisélia Curry, psicóloga



DIVULGAÇÃO

“É função dos pais determinar quais são as regras, limites e valores importantes para os filhos”

Estela Noronha, mestre em Psicologia



DIVULGAÇÃO

“É preciso dar 50% de amor e 50% de regras e limites. Os pais perderam a mão e há filhos desobedientes”

Heloísa Capelas, terapeuta familiar

Arrependimento por falta de regra

Após criar filhos sem muitas regras ou limites, há muitos pais que se arrependem e vão parar em psicólogos para pedir ajuda. Em geral, são casos de adolescentes com problemas de comportamento, meninas grávidas ou de envolvimento com drogas.

A mestre em Psicologia e especialista em terapia de casal e famí-

lia Estela Noronha afirmou que muitas mães demonstram arrependimento ou culpa por terem se ausentado na educação por motivos de trabalho ou imaturidade. Para ela, só o amor não basta, mas sem amor não funciona.

“Elas chegam ao consultório, geralmente, muito bravas, sem saber o que fazer. Atendi uma mãe cuja

filha adolescente engravidou. Ela me disse: ‘eu devia ter dado umas palmadas. Mas fui querer ser moderna, olha no que deu’. Conversando com a filha, vi que o que faltou, na verdade, foram o diálogo, a presença e o afeto dos pais.”

A psicóloga e psicoterapeuta Lucia Amaral contou que atendeu a mãe de uma jovem de 18 anos que se envolveu com álcool e maconha e que a família era desestruturada, não havia diálogo, mas proibições. “Só com terapia foi possível melhorar as relações.”

O terapeuta de família e psicopedagogo Cláudio Miranda afirmou que os pais não devem ter receio de colocar regras. “Os pais devem se mostrar descontentes com o comportamento ruim deles. Há mais chance de se acertar na educação dos filhos com um toque a mais de rigidez do que de permissividade”, ressaltou.



DIVULGAÇÃO

O TERAPEUTA FAMILIAR Cláudio Miranda disse que é mais fácil acertar na educação com um toque a mais de rigidez que de permissividade